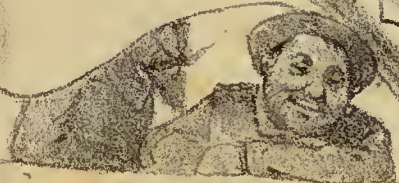


DON QUIXOTE

JORNAL

ILLUSTRADO de Angelo Agostini

109 Rua do Ouvidor



D.Q. — Chegou o patrão da grande fazenda.
 S.P. — Parece que subiu a Serra... D.Q. — Impossível! Pois se elle desceu de Theresopolis?! S.P. Mas elle está queimado. D.Q. — Naturalmente do Sol. S.P. — Do sol politico... D.Q. — Em todo caso, seja bem vindo. S.P. — Apoiado.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre	14\$000	Semestre	16\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importância das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

DON QUIXOTE

RIO, 6 DE MARÇO DE 1897.

O LYNCHAMENTO



CIDADE de Araraquara foi theatro, nos primeiros dias de Fevereiro, d'um pavoroso attentado, requinte de barbaridade inaudita: um grupo de homens mascarados e armados invadiu a cadeia, arrastou para a rua os infelizes Rozendo e Manoel de Brito, que alli se achavam presos respondendo a um processo de homicídio, e lynchou-os sem piedade.

O pavoroso crime revoltou como era natural a população brasileira, avessa por indole a estas crueldades. No proprio Estado de S. Paulo, onde elle se realizou, accentuã-se a indignação popular, e a justiça procede neste momento ás diligencias necessarias para captura e punição dos criminosos denunciados pelo inquerito policial.

Quem eram esses homens? Quem se atreveu em pleno seculo XIX, num paiz que se presume de civilizado, a affronter a lei e os dictames da humanidade, para cevar em presos inermes e talvez innocentes o seu odio selvagem?

Infelizmente o inquerito, a que a justiça local procedeu por ordem expressa do illustre presidente de S. Paulo, denuncia como auctores do barbaro lynchamento uma familia poderosa e particularmente o Dr. Theodoro de Carvalho,—homem de influencia politica real e que ainda ha pouco representou papel preponderante no proprio governo do Estado, como chefe de policia e ministro de obras publicas.

Dolorosa realidade! Si é certo o que se assegura, manchou as mãos no sangue de seus compatriotas, descendo ao nivel das feras, e compromettendo para sempre um nome illustre, aquelle mesmo que não ha muito se fizera respeita-

vel por serviços prestados á Republica e ao futuro do Estado de S. Paulo!

Como é facil de imaginár, a influencia do nome do Dr. Theodoro de Carvalho paralysa ou enfraquece pelo menos os intuitos do nobre Sr. Dr. Campos Salles, que procedendo correctamente não vê neste momento sinão o delinquente.

Debalde o governo demonstra o seu espirito de justiça e manda proseguir impavida a acção da justiça. Os amigos particulares do Dr. Theodoro de Carvalho ou esquivam-se a funcionar no processo ou annullam os fructos da diligencia de captura do criminoso. E' voz corrente em S. Paulo que elle se não ausentou do Estado, como se espalhára a principio. Alli permanece e alli desafia, protegido pelas amizades particulares e pela politica, o braço vingador da justiça publica.

Comprehende-se a situação penosa do chefe do Estado, que é um homem de honra e não pode consentir em vêr maculado o seu governo com a ignominia de semelhante impunidade. Seu intuito é nobre e traduz-se claramente nas palavras de uma carta particular que escreveu ao Dr. Cesario Alvim e que acaba de ser estampada na *Gazeta de Noticias*.

«O facto de Araraquara, diz elle, tem-me causado profundos desgostos, principalmente porque as circumstancias indicam, como responsaveis, pessoas que tem tido posição de alta responsabilidade nesta situação.

«V. sabe que isto por si basta para crear uma forte oppressão moral a tudo e a todos.

«O que me resta é agir com segurança e de modo a dissipar suspeitas e desarmar a calumnia contra o governo. Isto tenho feito e hei de fazer—*custe o que custar*.»

Vê-se que o dr. Campos Salles está disposto a honrar o seu nome, e a agir de forma que se não possa increpar o governo republicano de pactuar com um crime hediondo, pura e simplesmente porque quem o praticou foi um correligionario altamente recomendado e poderoso.

Mas, si os braços da administração e da justiça não corresponderem á vontade do presidente?

A triste verdade é que até este mo-

mento foram improficuas as tentativas de prisão do Dr. Theodoro de Carvalho e dos principaes co-auctores do lynchamento de Araraquara. Isto causa serio e profundo descontentamento na grande massa da população paulista alheia a interesses partidarios;—e, o que é peor, de semelhante circumstancia aproveitam-se os inimigos da Republica, procurando agitar os espiritos e avolumar a onda da indignação popular.

Os monarchistas de S. Paulo, si não são muitos, são pelo menes tenazes e corajosos. O lynchamento tem-lhes servido de arma de combate, em falta de cousa melhor, e é por isto que a dolorosa tragedia de Araraquara mais preocupações desperta no espirito do illustre presidente de S. Paulo, obrigando-o a uma vigilancia extrema e a lançar mão de expedientes extraordinarios, como o da dispersão de *meetings*, etc.

Por outro lado chegamos a acreditar que alguns altos politicos desta terra, ciosos da gloria do nome immaculado do Dr. Campos Salles, não são totalmente extranhos á nuvem de suspeita que se tem pretendido crear sobre a integridade de seu procedimento neste caso. Si não nos illudimos em semelhante modo de pensar, mais um motivo de desgosto para o emerito chefe republicano.

Mas tudo isso parece-nos injusto e indigno.

E como é forçoso esmagar a calumnia a todo o transe, como se faz indispensavel anniquilar a intriga monarchista de uma vez para sempre, como urge desaffrontar a justiça e a honra do nome paulista, o que agora se faz preciso é que o governo paulista não hesite mais um momento nem trepide no emprego dos meios legaes e energicos para demonstrar á nação a pureza de seus intuitos e a honestidade do regimen republicano.

E' o que esperamos do honrado Dr. Campos Salles.

Fiat justitia!

A redacção do D. QUIXOTE apresenta suas expressões de sincera condolencia ao Exm. Sr. Dr. Manuel Victorino Pereira, vice-presidente da Republica, pelo golpe que o feriu em seu extremoso coração de filho.

NOTICIARIO

A redacção do D. QUIXOTE passa sem novidade em sua importante saúde, mesmo porque não frequenta os electricos de Santa Thereza, nem os comboios do Sr. Frontin.

* *

Chegou ao Pará, onde teve festiva recepção, o Sr. deputado Serzedello Corrêa.

S. Ex. não chorou.

* *

Diz o *Jornal do Brasil* que a guarda do palacio do Cattete não procede correctamente, e que ainda ha poucos dias viu alli dous soldados que estavam a *coçar os pés*.

Um ao outro, ou ambos a si mesmos?

O *Jornal do Brasil* não diz mais nada sobre os dous viciosos.

* *

O general Weyler está extinguindo a revolução cubana, tendo por prudencia e bom coração addiado para o proximo mez de abril o ultimo golpe sobre os revoltosos, que estava annunciado para Fevereiro passado.

Tambem, se isso não se der em Abril d'este anno, será impreterivelmente em Abril do anno proximo.

* *

Nenhumas noticias sobre o armamento despachado por Sete Lagôas, e que se diz remettido para Antonio Conselheiro, de Canudos.

Ao que parece as auctoridades vel-o-hão por ahi mesmo—isto é, por um canudo.

* *

Tem agradado geralmente as pilherias graphologicas publicadas pela *Noticia* sob o titulo innocente de indiscrições da escripta, e assignadas por um pseudonymo, o de Crépieux Jamin.

No genero fantasia nada ha de melhor.

* *

Varios commerciantes credores do Estado pela quantia de 6.000 contos, por fornecimentos feitos á Estrada de Ferro Central dos Morticínios, dirigiram-se em commissão ao Sr. ministro da industria e e apresentaram-lhe um *ultimatum*, exigindo o pagamento immediato da vida.

S. Ex., sempre correcto e digno, houve por bem responder aos reclamantes que pagar-lhes-hia integralmente—quando houvesse dinheiro.

Esta resposta do Sr. ministro foi recebida com especial agrado.

* *

No mesmo dia 4 de março, dous notaveis acontecimentos foram registrados na America do Sul: desceu de Theresopolis o Sr. Prudente e irrompeu a revolução dos *blancos* na republica do Uruguay.

Duas surpresas, pois, nos arraiaes dos colorados, tanto dos de lá como dos d'aqui—general Glycerio inclusive.

* *

Ainda não foram presos os heroes do lynchamento de Araraquara.

As autoridades do estado de S. Paulo, desesperadas, demittem-se; e o respectivo governo, bem intencionado, vai pôr annuncios nos jornaes offerecendo um premio a quem apanhar os criminosos e protestando contra quem os tiver acoulado...

Tuto isto— com batatas.

Os reporters,

ESCENA & MONTRY.

Dr. Rozendo Muniz

Falleceu este homem de letras, que se dobrava em escriptor, professor e poeta, e a cujo espirito laborioso é mister que se faça justiça.

A critica, que infelizmente nem sempre é equitativa, e que tem as suas sympathias e as suas ogerisas, jamais poupou o Dr. Rozendo-Muniz; cada vez que elle publicava um liyro eram acerbos os conceitos emittidos sobre a obra e a mordacidade feria impiedosamente o o auctor, Releva entretanto dizer que tinha merecimento o poeta dos *Vôos Icaros*, dos *Favos e Travos* e de outros trabalhos, dos quaes, se nem todos eram perfectos, muitos haviam sufficientes para garantir-lhe reputação e renome.

Sobretudo era de uma dedicação extrema ao labor, e disso deu prova exuberante nestes ultimos tempos, em que cruel molestia o affligia, escrevendo ainda assim e publicando sem cessar trabalhos de largo folego na imprensa desta capital.

E' de crer que de futuro seja feita melhor justiça ao merecimento do inditoso escriptor, ora fallecido.

TIL.

A FESTA DO CATTETE

Não se pôde negar que a 24 do corrente o povo d esta capital fez a mais entusiastica aclamação da Republica, victoriando a pessoa do chefe do governo, quando entrou no palacio do Cattete para a recepção de gala.

Os gritos de viva a Republica! sahiem espontaneamente de todos os labios— e eram por milhares que se contavam as pessoas agglomeradas na praça e immediações do palacio, e que na ovação brilhante saudavam na pessoa do Sr. Manuel Victorino as proprias instituições republicanas.

A espontaneidade d'essa manifestação patriótica é a mais eloquente prova do amor do povo á Republica e tambem significa uma resposta ás tentativas restauradoras de um grupo, felizmente muito reduzido, que explora as con-

dições criticas em que o paiz se debate, attribuindo falsamente ao actual systema do governo o máo estado de nossas finanças, no baldado esforço de contra a Republica arrebanhar odios populares.

Ficou demonstrado que o povo tem bastante bom senso para não se deixar illudir por esses Jeremias de encomenda, e que no seu espirito está fundamente radicado o sentimento republicano.

* *

Dentro do palacio, resplendente de luzes, ornado festivamente, a agglomeração de convidados era enorme; e certo que a alegria communicativa que entre todos reinava, recordava no espirito d'essa multidão que jamais, em tempos do decahido regimen, houvera festa semelhante, em que representantes de todas as classes confabulam amistosamente com o chefe do Estado, alliando-se a elle e ás auctoridades para commemorar a data solemne da proclamação da carta constitucional.

Praticas democraticas, essas festas são mais uma prova da excellencia do systema que nos rege, e têm o valor de um estimulo para mais avigorar na consciencia publica o amor e a dedicação á patria e mais profundo e sincero tornar-se o respeito ás instituições livres que nos regem.

* *

O brilho da festa, a pompa de que se revestiu, tem sido motivo para censuras dos que tudo veem com olhos vesgos, e que se comprazem em oppôr á solemnnidade festiva do palacio as difficuldades com que luta a população...

Preferem a taciturnidade e a tristeza que foram a nota caracteristica da passada monarchia, e desconhecem que taes festas são necessarias para a educação civica do povo, e que os governos carecem de exhibir esse apparato, elemento preponderante de seu prestigio e da influencia que devem exercer sobre as massas.

O que é de extranhar é que haja quem isso extranhe.

Em nossa opinião ainda não é o palacio do Cattete o typo da casa destinada ao governo, porque a incompetencia de quem se encarregou de o preparar e ornamentar, banii d'alli o gosto artistico, inutilizando o que no palacio encontrou de melhor e introduzindo-lhe novidades que podem despertar a attenção pela sua factura *à la diable*, jamais porque n'ellas se encontre a mais simples manifestação da Arte.

E' de esperar, porém, que ainda haja quem se lembre de remediar o mal feito, e obre de accordo com a sensata convicção de que um director do banco pôde e deve ter um grande espirito financeiro—mas de nenhum modo é obrigado a possuir um elevado gosto artistico...

* *

Assim, desprezadas as explosões do despeito, no contentamento e na alegria sincera que levou o povo a acclamar a Republica, n'uma commovente apothese, na data anniversaria da constituição, viu-se palpitante de vida a alma popular; e reconheceu-se que a democracia está definitivamente implantada no Brasil, tendo as suas raizes no proprio coração do povo.

Honra á Republica!

M. S.



No dia 24 de Fevereiro, o povo fluminense, o high-life de ambos os sexos deu prova de seu grande patriotismo e esmerado educação, cobrindo de confettis o Vice-Presidente da entrada do novo palacio



E' deste modo que o bom e criterioso povo fluminense queria que se apresentasse diante do Corpo diplomatico e em occasião tão solemne o Chefe interino da Nação brasileira.



É todos gritavam: Viva o Dr. Manoel Victorino! Viva a Republica! (Carnavalesca deveriam ter acrescentado)



Contou a "Gazeta de Noticias" que alguns convidados distinctos e encasacados, não quizeram deixar a esplendida e official festa sem lembrança para a casa - como varios bibelots de valor.



Esta noticia foi tida como um canard e desmentida officialmente. Quasi todos os embulhos, eram de doces e outras iguarias sem importancia, o que é muito commum na nossa alta e mesmo baixa sociedade.



O Carnaval não foi um carnaval. Foi uma orgia de confettis esvoaçando no ar e atapetando as ruas, onde renhidos combates davam-se entre batalhadores de ambos os sexos.



Os confettis não eram só nas ruas. Nas casas, nas salas e até nas cozinhas!



Não se podia comer sem dar com a tal praga!



Nem se deitar... Maldictos confettis



Se o Carnaval durasse mais oito dias, calculou-se que os coes confettis chegassem ao zimbório da Candelaria.



Se tivesse tomado as proporções de um diluvio, é provavel que alguma arca se teria construido, não tanto para salvar a população fluminense, mas sim para conservar a bicharia que o povo adora e venera, depositando n'ella toda sua esperança. (E igualmente todo seu cobre!)



Felizmente a catholica e apostolica quarta-feira de Cinzas, com o quaresmatico bacalhau veio salvar a situação, acompanhada de um regimento de varredores. Estes transformaram em mortos o mar de confettis que seguiram o conveniente e sapucaiento destino.



Uma nota triste! Alguns varredores descobriram um cadáver na rua do Ouvidor. Chamada a policia a toda pressa, esta verificou ter fallecido asphyxiado, sob um montão de confettis, o Carnaval de 1897!

A Bruxa

Como sempre primorosa, a nossa illustre collega. E' justo porém destacar do ultimo numero distribuido — o 56 — a pagina central, representando com summa graça a *mascarada prohibida*, e o polichinello da quarta pagina, concepção felicissima do Julião.

No testo, o costumado brilhantismo, de espirito e de estylo.

CASOS DA SEMANA

Disse um chronista, e com bastante propriedade, que o Carnaval d'este anno não passou da folhinha, onde elle veio imperterrito e firme como sempre, mas de onde positivamente não sahiu para as ruas d'esta capital.

Está morto o Carnaval.

A principio dava-se como causa do seu progressivo desfalecimento o monopolio feito pelas grandes sociedades, que, ellas só, se encarregavam de fazer a critica dos acontecimentos do anno, exhibindo ricos e luxuosos prestitos, e matando o espirito dos mascaras avulsos que, raros, se abalançavam a vir á rua divertir-se e divertir os outros.

Ficaram para dar a nota da folia os princezes, uns *chicards* de roupas de metim, e os atroadores Zés Pereiras, que em todo caso imprimiam um ar festivo á cidade, dispartando-a da habitual apathia.

Pois bem. As sociedades retrahiram-se. O cambio a 8 lhas impunha economias, e supprimindo os prestitos, resolveram todas ellas festejar o deus Momo de portas a dentro, legando as ruas ao povo sequioso de prazer e desejoso de relevar a agudeza e a vivacidade do seu espirito satyrico e critico.

O resultado foi negativo, e este anno até os Zés Pereiras brilharam pela sua ausencia, sendo raros os que tiveram a coragem de alugar um bombo e algumas caixas de rufo para virem azoinar-nos os ouvidos. Os *velhos* foram-se; sumiram-se os princezes sorumbaticos, e os funebres *chicards* volveram ao nada, de onde provavelmente haviam sahido.

Emfim um carnaval sem mascaras, sem espirito, e sem a sua nota caracteristica—o disfarce de qualquer fórma.

Acaso a prohibição da policia, relativa ás mascaras representando *caras conhecidas*, terá concorrido para o retrahimento dos que se comprazem em folgar n'esses tres dias, criticando maliciosamente o seu semelhante, e dirigindo-lhe em irritante voz de falsete aquelle eterno *Você me conhece?* que é o desespero de muita gente. Talvez o pessimo costume das vaias na rua do Ouvidor, e o de maltratarem os mascaras que por ella se arriscam a passar, seja outro factor determinante da queda decisiva do Carnaval.

Por este ou por aquelle motivo, entretanto, o certo é que está morto e bem morto o Carnaval, e ahi jaz sepultado sob um pesado monte de *confetti*—unico recurso do quem guarda-se para

rir e folgar durante esses dias consagrados ao prazer e á loucura.

Deus lhe falle na alma.

Os *confetti* já agora estão na massa da sangue d'esta gente.

Tem-se visto em noticias de jornaes, que em manifestações de regosijo pelo anniversario natalicio de um qualquer chefe de repartição publica, os seus subordinados ornem de flores a sua mesa e quando elle penetra na sala—cobrem-n'o de *confetti*!

Em nossos theatros rara é a festa em que não appareçam esses papeisinhos multicolores, como a mais elevada conquista do espirito inventivo dos organizadores da solemnidade. Até na igreja um padre que recitára um bello sermão foi coberto por grossa nuvem de *confetti*, sagrando a sua eloquencia deslumbrante!

Nunca porem nos fôra dado suppôr que a mania dos *confetti* chegasse ao ponto a que attingiu n'esta Botuculandia, manifestando-se pelo modo porque o fez, na festa do palacio do Cattete, anniversaria da proclamação da constituição republicana!

Imagine-se em meio de toda a solemnidade aproximar-se da porta do palacio o vistoso landau do chefe do Estado; este saltar do seu carro, casacalmente vestido, dar o braço a sua consorte, e ao penetrar no vestibulo do palacio ser alvo de uma manifestação... a *confetti*!

Shoking!

Eu não tive a fortuna de assistir á interessante scena, mas estou d'aqui a apreciar a figura pouco solemne que deve ter feito o Sr. Dr. Manuel Victorino, obrigado a quebrar a linha, que aliás mantinha com superior correcção, e entrar a limpar os papeis recortados que lhe cobriam a cabeça e a casaca, para não ter de enfrentar com o corpo diplomatico em trage de fantasia—em nada adequado ao acto!

A intenção deverá ter sido boa; mas lá diz o outro que de boas intenções está o inferno pavimentado.

LÉO.

Mala da Europa

Temos em mãos o numero extraordinario dessa excellente publicação lisbonense, destinada ao Brasil. O presente numero é inteiramente consagrado ao carnaval, e merece ser visto e apreciado.

Todo o texto, em verso, tem graça a valer, e um dos poetas do numero, que assigna-se Cagliostro, faz uma jocosa revista de pessoas e factos do Rio de Janeiro, revelando conhecimento intimo da nosso mundo litterario, jornalístico, financeiro, commercial e politico, e atirando inoffensivas *piadas* a este ou aquelle dos mais evidentes em nosso meio.

As duas paginas centraes, trabalho primoroso de Bordallo Pinheiro, referem-se com fino humorismo ao carnaval no Rio de Janeiro. Imprensa a côres, exhibindo os typos mais conhecidos desta capital, trazendo allusões graciosas

a factos do anno e uma apothese ás principaes das nossas sociedades carnavalescas—essa pagina artistica e brilhante, está destinada a um successo e tambem está pedindo que mandemos aos de lá, com muitos agradecimentos, as expressões da profunda saudade dos de cá.

A Bordallo Pinheiro um vigoroso *shake-hands* pelo numero especial da *Mala de Europa*.

RABISCOS

Francamente, não sei bem qual dos dous pontos, tão longinquos e tão oppostos, mais me attrahe a attenção n'este momento—se os Canudos da Bahia, se as esquadras das grandes potencias em Creta.

Entre les deux mon cœur balance... Todos os dias percorro ancioso e afflicto as columnas dos jornaes, interrogo-os sobre Moreira Cezar e sobre Delyannis, e os malditos telegrammas... moita!

De sorte que não sei até este momento se já fizeram as contas ao tal Antonio Conselheiro e ignoro absolutamente se as grandes potencias já pacificaram a ilha de Creta, bombardeando-a, e ajudando o sultão a matar os christãos—para os salvar.

Creio, porém firmemente que tudo dentro em breve estará terminado, e como desejamos, eu e as potencias supra-referidas: o barbaças de Canudos hade ver de que pão é a canôa, e qual o gosto das balas de estalo das metralhadoras do Sr. Moreira Cezar; e quanto á ilha de Creta as esquadras reunidas em Canéa entregal-a-hão á Turquia, para prova da civilização europeia e *ad maiorem gloriam* do grande assassino de Constantinopla.

Cá pela capital tivemos uma verdadeira surpresa em Quarta-feira de cinzas: a inesperada volta do Sr. Prudente ao throno—digo, ao palacio do governo.

A surpresa foi geral e ao que parece mais impressionou ao Sr. Manuel Victorino, que ninguém poderia suppôr que d'isso não fosse previamente avisado... Mystérios de alta politica, que a nós pobres mortaes não é licito desvendar!

O facto tem dado margem a commentarios de toda a sorte; e mal se comprehende, do correctissimo Sr. Prudente de Moraes, acto de tal natureza, em que a correcção andou por longe, muito por longe mesmo.

Conheço um proprietario de casa commercial, que ha pouco tempo deixou o seu estabelecimento confiado a seu primeiro caixeiro, emquanto ia fazer uma *cure* de aguas em Camambú.

Não sei que fez o empregado d'aquelle cavalheiro e como procedeu durante os tres dias de carnaval; só sei que o patrão chegou repentinamente Quarta-feira de cinzas, e, sem mais aquella, reassumiu o governo de sua casa, mal disfarçando um gesto de amão, e mandando dizer por um fanulo da casa ao seu substituto que podia retirar-se e entregar-se a outras occupaões...

Não foi bonito nem regular esse procedimento, porque deixou um empregado fiel sob o peso de uma suspeita, que segundo se diz, é de todo o ponto injusta.

Ora, e se quizerem applicar *el cuento*, melhor não fôra que o Sr. Prudente tivesse vindo pelo Carnaval offerecer-nos aquellâ surpresa, e abordando de chofre o Sr. Manuel Victorino lhe perguntasse: *você me conhece?* antes de instalar-se no palacio do Cattete?

Isso teria pelo menos a excusa da oportunidade, e não passaria de uma sorte carnavalesca,— de muito espirito e de summa graça.

Assim como foi... tenha paciencia o Sr. Prudente: não teve nem graça nem espirito.

Antes pelo contrario.

TIL.

THEATROS

Com as folias do Carnaval interromperam-se as representações theatraes, prejudicando de alguma sorte o successo das peças que estavam em scena, e entre estas a *Capital Federal*, no Recreio, e o *Lambe-féras*, no Apollo.

Da *Capital* já eu tive ensejo de fallar por estas columnas; cumprindo-me agora apenas aqui registrar a festa organizada em homenagem ao seu glorioso auctor Arthur Azevedo, que teve n'essa noite ensejo de apreciar quanto é estimado e querido não só pelos de sua roda, mas pelo publico em geral.

Além dos muitos applausos, das chamadas á scena, dos cumprimentos dos seus confrades de imprensa, dos presentes e mimos que recebeu o nosso primeiro comediographo, teve elle mais uma homenagem de alto valor por não ser usual entre nós: foi a presença, na festa, do Sr. Vice-presidente da Republica, que decididamente é um cavalheiro de fino espirito, que sabe comprehender que não só de politica se devem occupar os que governam, e que uma olhadella benevolente para os dominios da arte em nada os prejudica antes os eleva no conceito do publico.

Tal homenagem deve ter penhorado ao Arthur—que por isso queira receber os nossos parabens sinceros.

O *Lambe-féras* é uma comedia viva, a que a empresa do Apollo denomina vaudeville por lhe haver ajuntado alguns numeros de musica, de accordo com o costume recentemente introduzido em nossos theatros.

O Peixoto tem alli um bello papel, que representa com muita graça e naturalidade, trazendo a platéa em constantes gargalhadas; e o Mattos, no protagonista, secunda-o perfeitamente, dando grande relevo ao seu papel de matamouros.

Dos outros, pôde-se dizer, como na chapa, «que não comprometteram o conjuncto», até mesmo a Sra. Ismenia Matteos, que parece haver feito juramento de cada vez fallar peor o por-

tuguez, sendo totalmente impossivel comprehender-se o que ella diz.

Ao que parece essa senhora presta mais attenção ao seu invento privilegiado—o de um ferro para engommar—do que ao estudo da lingua em que representa, para desespero das platéas...

A musica, de Assis Pacheco, é boa, sendo para notar a barcarolla do primeiro acto, um mimo no genero.

Segundo rezam os annuncios, está para breve n'esse theatro a substituição do *Lambe-féras* pela operetta *O Gallo de ouro*, que já em outro theatro foi exhibida, e com grande successo, e que agora é alli montada com grande luxo e apuro.

O Peixoto é quem vai regalar-se com essa idéa da empresa do Apollo, pois tem no *Gallo de ouro* o seu primeiro papel, de que elle cuidou com especial carinho na primitiva, e que naturalmente voltará a desempenhar com a mesma graça e correção.

Proseguem no Lucinda os ensaios da revista o *Filhole*, de que dizem os noticiaristas theatraes um bandão de cousas boas, afirmando que está destinada a grande successo pelos seus scenarios vistosos e por varios *clous* proprios das composições d'este genero.

Que venha, que já não vem sem tempo.

Tambem em ensaios, mas no Variedades, está a *Moema*, com que a nova companhia da actriz Ismenia pretende inaugurar os seus trabalhos.

N'esse theatro reappareceu a *troupe* Dias Braga, de volta do Juiz de Fora, e em vespéras de seguir para a Bahia.

Como é de vêr, n'esta pequena serie de espectaculos, dados para encher tempo, o Dias apenas nos apresentou o antigo repertorio... que bem antigo já é, valha a verdade.

E é isto o que se depara a um chronista em atrazò, dizer acerca de nosso movimento theatral.

Boas promessas, que oxalá se realizem—para grande gaudio das empresas e regalo de nós outros, os *dilettanti*.

TONY.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

INNOCENCIA, romance do Sr. Visconde de Taunay, 3ª edição, nitida e elegante, da casa Laemmert. O facto de achar-se em terceira edição já falla alto em favor d'essa obra, que tem sido traduzida em francez, inglez, italiano, dinamarquez e em russo, merecendo o justo apreço até dos estrangeiros.

L'ETOILE DU SUD, que reappareceu cheia de vida, sempre sob a direcção do nosso laborioso amigo Charles Morel; *La Scena Illustrata*, bella reyista, edi-

ção italo-brazileira, publicada em Florença, e trazendo excellentes gravaturas, e uma parte litteraria sob a direcção do Dr. Wencesláo de Queiroz; a *Bicycleta*, de S. Paulo, n. 22, o *Mensal*, de Barbaena, publicação illustrada que ora enceta o seu tirocinio; o *Jornal d'Oeste*, de Ribeirão Preto, n. 1; o *Leão do Norte*, illustrado e humoristico, n. 5 do 2º anno; o *Petiz*, n. 4; a *Arte*, órgão do Gremio Dramatico Arthur Azevedo, n. 4 do 2º anno; o *Guarany*, n. 2; a *Bohemia*; jornal illustrado de S. Paulo, trazendo em sua primeira pagina um excellent retrato do Sr. Dr. Campos Salles; o *Tacape*, de Sorocaba, órgão do Club Aymorés; *Decalogo dos Novos*, associação de arte fundada no Rio de Janeiro.

Catalogo de sementes do Beliche, estabelecimento do Sr. F. Albuquerque; *Revista Pharmaceutica*, órgão da Sociedade Pharmaceutica Paulista, ns. 9 e 10 do 2º anno; *Revista* da commissão technica militar consultiva, n. 4 do anno 5º; *Arquivo* do Districto Federal n. correspondente a fevereiro ultimo; *Catalogo* dos productos pharmaceuticos da casa Silva Araujo; o *Cenaculo*, bella revista litteraria paranaense, 22º fascicullo; *Boletim* telegraphico, da repartição geral dos telegraphos, n. 2 do anno 3º; *Revista Maritima Brasileira*, n. 8 do anno XVI.

Recebemos mais:

Algumas garrafas de vinho puro da Quinta dos Mirantes, enviados pelos Srs. J. Mendes & Comp.; é um excellent vinho de mesa, branco, de se beber e pedir mais.

Duas garrafas de kirsch de laranja, de B. de Souza Filho, muito bem preparado.

BOLETIM QUINZENAL de estatistica demographo-sanitario do Rio de Janeiro; Indemnisação de damno, em que foi auctora D. Alice Carolina Janin e ré a Companhia do Jardim Botânico; o *Petiz*, n. 1; *Memorias* e documentos escolares, publicação do Pedagogium Brasileiro; *Trabalhos* do conselheiro Manoel Francisco Correia, 1º fascicullo; *Revista Pedagogica*, n. 50; *Revista Maritima Brasileira*, n. 7 do XVI anno; *Homenagem ao merito*, polyanthéa offerecida ao deputado Neiva, da Bahia.

MUSICAS: *Saracoteio*, polka de João Camargo, e *Estalos*, polka carnavalesca de André Rocha, edições da casa Bevilacqua & Comp.; *Isaura*, walsa de Archimedes e Oliveira; coplas de Dolores; *Sempre chovendo*, polka; coplas do telephone; côro e coplas do carregador, tudo do Rio Nô e de Costa Junior—edições da casa Buschmann & Guimarães.

Mais musica:

Sem titulo, polka de A. Cardoso de Menezes, *Saltitante*, do mesmo compositor; *Um pedido*, walsa de Miguel A. de Vasconcellos; *Em minha vida*, walsa de Alexandre de Almeida; edições da casa Buschmann & Guimarães; a *Lyra brazileira*, polka-marcha de Manuel J. Gomes Ferreira; *Fanfan la Tulipe*, walsas de O. Metra, editadas pela casa Bevilacqua & Comp. e *Não tem titulo*, polka de Alfredo Guimarães, publicada pela casa Piano de Crystal.

Convites: para o baile inaugural do Club do Rio Comprido e para a inauguração da casa Alberto, no largo de S. Francisco de Paula.



No dia 24 de Fevereiro.

Vice Presidente — Creio que deve estar satisfeita, agora que tem um bello palacio, ricas mobílias...
Republica — Isto é muito bom sem duvida; mas de que me serve tanto luxo se para o meu sustento não me dão o que preciso?